

**Acción  
Realis-  
ta**

**revista  
quinzenal**

# Produtos de beleza Z Á Z Á

(MARCA REGISTRADA)

A essencia Zázá é o perfume das elegantes

**Crème Zázá,** especialidade incomparavel para tirar as sardas, manchas, rugas, etc. (não é gorduroso) **Caixa 7\$900 réis**

**Depilatorio Zázá,** inofensivo, tira os pelos por completo, deixando a pele muito fina e aveludada. **Frasco 7\$900 réis**

**Pó d'arroz Zázá,** muito aderente e deliciosamente perfumado, suaviza e refresca a pele, em Branco, Rosa e Rachá. **Caixas de 1\$900, 2\$900 e 3\$900 réis**

**Brilhante Zázá,** em pó, o melhor para polir as unhas. **Tubo 2\$900 réis**

**Brilhante Zázá,** liquido, conserva as unhas brilhantes durante 15 dias, tem junto a maneira de usar. **Caixa com 2 frascos 12\$500 réis**

**Shampoo Zázá,** em pó, infalivel destruidor da caspa. **Pacote 1\$500 réis**

**Shampoo Zázá,** liquido, é dos shampoos liquidos o melhor, lava rapidamente a cabeça friccionando-a muito bem. **Frasco 12\$500 réis**

**Bigoudis Zázá,** frizador a frio com fitas de diversas cores. **Caixas de 6. 3\$950 réis. Ditas de 12. 4\$950 réis**

**Vinaigre de Rouge Zázá,** inofensivo, rouge liquido especial para os labios. **Frasco 4\$500 réis**

**Tintura Juvence Zázá,** superior ás melhores para tingir o cabelo, castanho, castanho escuro e preto. Tem junto a maneira de usar. **2 frascos 29\$000 réis**

**Talco Zázá,** para o Bébé, especial para recém-nascidos. **Caixa 4\$900 réis**

**Pasta Dentifrica Zázá,** branqueia os dentes conservando-lhes sempre o seu esmalte natural, desinfecta e aromatiza a boca. **Cada 4\$900 réis**

**Pélonglia,** tira por completo as peles das unhas servindo tambem para as limpar por dentro **Frasco 7\$900 réis**

**Gellée Aux Accacias** preparado especial para evitar e fazer desaparecer o coceio e o gretado da pele. **Blanqua 3\$900 réis**

**Branco de Hespanha** Pó d'arroz liquido preparado ideal para branquear o rosto, colo, braços etc., recomendado para peles gordurosas. **Frasco 7\$900 réis**

**DESCONTOS A REVENDEDORES**

**Deposito para Portugal, colouias e Brazil**

## PERFUMARIA MIMOSA

102, RUA DO OURO, 104 — LISBOA

TELEFONE C. 4050

MANUCURE—TRATAMENTO DAS 11 ÁS 19 HORAS

# ACÇÃO REALISTA

REDACTOR PRINCIPAL : ERNESTO GONÇALVES

Redacção e Administração RUA DA BARROCA, 59. S/LOJA	EDITOR Antonio Ferreira Junior	Assinaturas (Pagamento adiantado) SÉRIE DE 10 N.ºs — 10\$000 RÉIS Numero avulso — 1\$000 réis
--	-----------------------------------	---

## 8 DE JULHO DE 1912

Data conjuntamente dolorosa e festiva é esta que hoje comemoramos.

Chora o coração com efeito os amigos e companheiros que perdeu. Mas o espirito levanta-se e exulta ao mesmo tempo quando, sobre a campa que lhes cobre os despojos mortaes, lê o epitáfio que os torna vivos eternamente :

*«Fidelidade á Patria. Mortos no seu posto»*

O sangue vertido nesses anos de 1911-12, — e tanto outro que depois se lhe seguiu, — é na verdade o selo vermelho e sacrosanto que, desde o começo, assinala e autentica, com o timbre do desinteresse e das convicções sinceras, os pergaminhos da Causa que servimos. A longa serie desses e doutros sacrificios consagra a nossa Bandeira de Combate.

Bandeira amplamente portuguesa, chamando ás fileiras todos os portugueses de boa vontade, contra o nefasto regimen que vinha, e que veio, para destruir a propria terra onde se gerou. De facto, dentro do nosso agrupamento, na Galiza, todas as côres politicas se juntaram, desde o republicano já desiludido, até ao mais extremado legitimista.

Bandeira essencialmente unificadora, sob a qual não havia partidos, mas sim bom Povo Português de todas as classes sociaes, fraternalmente amalgamado, comungando e colaborando na comunidade dum alto objectivo patriótico.

Bandeira fundamentalmente nacionalista, em face do novo regimen fundamentalmente anti-nacional, perseguidor das crenças, desprezador das tradições, e veículo e guarda-avançada, directa e indirectamente, da intervenção estrangeira. Directamente, como representante e intermediario duma seita internacional, applicando no governo da gente illustre Portuguesa as ordens secretas emanadas desses poderes irresponsaveis. Seita que, demais, sempre foi conhecida como favoravel á Confederação republicana da Iberia.

Indirectamente, colocando nos em estado permanente de guerra civil e religiosa, — guerra que traz sempre consigo, — a par do enfraquecimento interior — a intervenção estrangeira, sob uma ou outra forma.

## ACÇÃO REALISTA

Todos sabem efectivamente como a Republica, para amparo das suas debilidades, tratou com a Alemanha o regimen da «porta aberta» em Angola.

E como, por motivos idênticos, levou o País á frente europeia da grande guerra, sem acautelar por devida forma as garantias compensadoras dêsse pezado esforço de sangue e dinheiro.

Farta é a lista, infelizmente, dos factos, — publicos e notorios alguns dêles, — passados outros nas sombras dos gabinetes ministeriaes, — todos atestando e comprovando quanto nos teem custado, em humilhações e intromissões externas, a situação interna de que a Republica foi creadora responsavel.

Essa situação interna aí está, patente aos olhos de todos : Decomposição progressiva, á qual nem mesmo falta aquella especie de vermes que nascem da carne pôdre e desta se alimentam e engordam.

¿ Teremos Patria amanhã ?

A consumação derradeira dêsse estertôr lento e purulento, que por agora estamos vendo, só pôde ser evitada pela reacção vigorosa das partes ainda sãs do organismo. Reacção vigorosa, — entenda-se bem ! . . . que não se confunde com a chamada opposição conservadora, cuja tactica de protestos verbosos, e acomodações sistemáticas, conduz inevitavelmente ao triste papel de vencidos previos e de officio, objecto ainda por cima do menosprezo dos adversarios, que vão rindo e andando, cada vez mais seguros de si, na estrada dos desaforos sem coibições.

E' certo, — deve notar-se — que a acção combativa e organizadora, dentro das possibilidades legaes, tem o seu valor e oportunidade. Mas não menos certo que, em ultima palavra, só pela violencia se resiste á violencia.

Contra o bacamarte, o bacamarte. A Justiça não dispensa a Espada. E os conservadores que renegam este simbolismo da classica sabedoria, desarmando na frouxidão e na pusilanimidade, bem merecem as opressões da desordem . . . até que acordem.

Foi esta simples verdade, de intuitivo senso comum, que as nossas incursões de 1911-12 quizeram significar praticamente. Deficientissimas em armamento, em organização, e em efectivos numéricos, — claro está que elas não pretendiam por si só, nem podiam pretender, a conquista militar do reino de Portugal. Pretendiam apenas iniciar o gesto politico da força, suggestionando as vontades indecisas, e servindo de escorva para a deflagração das reacções necessárias.

Foi inutil o gesto. Mas o princípio permanece verdadeiro. Nada temos que alterar.

«Fidelidade á Patria. Mortos no seu posto». Os mortos mandam ! E a Bandeira de 1912 está de pé em 1924 ! . . .

Decorreram, porém, 12 longos anos, e, durante êles, muitos acontecimentos, dê-

ses que modificam fortemente as feições historicas universaes. O Mundo deu muita volta. E nós todos temos tido largo tempo para pensar.

A Republica continua entronizada. E o panorama catastrófico dos seus efeitos levamos naturalmente á investigação cuidadosa das cousas. Vê-se que o Poder governamental desatende os interesses geraes do País, e atende de preferencia uma ordem de interesses a que chamam «política», que não passa no fundo de ser o interesse dos politicos e seus partidos, clientelas e defensores. Essa intitulada politica resume-se no circulo vicioso de assaltar o Poder para com êle captar votos e adeptos, — e captar votos e adeptos, para com êles assaltar o Poder. Entre este circulo vicioso e a verdadeira política do Bem-Público, a incompatibilidade é manifesta.

¿ Onde reside a causa profunda desta doença? Reside, — a nosso ver, — no falso conceito de Nação em que assentam ha cerca de um seculo as nossas Instituições politicas. Uma Nação não é uma turba-multa de individuos desagregados e transitórios. E', pelo contrario, um conjunto orgânico com existencia persistente atravez dos tempos.

E, se uma Nação não é uma simples soma de individuos sem continuidade, e sem laços reciprocos, — erróneo é o sistema politico que toma por base do Poder Público, e do respectivo funcionamento, os votos dessas unidades individuaes, efémeras, desconexas e passageiras. Não erroneo apenas; mas tambem provocador de corrupção, visto que o individuo, que dispõe isoladamente do seu voto, é levado, pela tendencia egoista natural dos homens, a aproveitar o mesmo voto no seu interesse proprio, dando origem coérente ao mercantilismo eleitoral. As eleições tornam-se automaticamente numa feira de consciencias, conforme os factos exuberantemente confirmam. Os eleitores, e os partidos, tratam de si.

¿ Quem trata do País?

\*

\* \* \*

Evidentemente tal regimen não nos serve. Todavia uma parte do respeitavel Público encosta-se ao equívoco estribilho de que não faz politica, porque não é daí que espera o melhoramento das cousas públicas, mas sim da Economia, e da Finança. Triste ou voluntaria ilusão de quem não vê, ou não quiere ver, que toda a máquina de actividade nacional, publica e particular, seja qual fôr o sector que se considere, gira em torno do problema politico, e depende da solução que lhe dermos.

Outra parte do respeitavel Publico subordina-se á mística de certas palavras-chaves que se habituou a venerar como dogmas intangiveis de toda a doutrina politica que se preze de civilisada. E, dêsse acatamento absurdo pelos verbalismos constitucionaes, vive entre nós o regimen liberalista ha quasi 100 anos.

No entretanto chegou o País aos angustiosos transes de naufrágio, em que óra se encontra.

¿ Não terá chegado, pois, o momento oportuno, e mesmo urgente, de abandonarmos quimeras, comodismos e rotinas, e de sacudirmos teias de aranha, e fumos de conventionalismos tolos, — para entrar francamente no caminho do senso comum, puro e sim-

ples, guiando-nos pela lição das cousas que vemos, e das realidades que lêmos ou verificamos?

Se vemos e verificamos que o sufragio universal inorgânico é vil mercadoria que se negocia nos balcões do arranjismo politicante, — ¿ deve o Estado continuar a basear-se sobre esse alicerce fraudulento?

Se vemos e verificamos que o «Governo pelos partidos», conforme resulta do regimen parlamentarista, republicano ou constitucional, envolve a desmoralização e a perdição do País, — ¿ deve o Estado continuar a reger-se por Constituições de tal natureza?

Na hipótese — que julgo certa, — de que nessa terra existam ainda algumas brazas acêsas de sentimento patrio, embora cobertas acaso por alguma leve camada de cinzas, — quere-nos parecer que essas perguntas, e as doutrinas que com elas se prendem, deveriam atrair a atenção do respeitavel público, e deveriam mesmo incita-lo a sair da sua apatia, levando-o activamente para o lado do movimento político que traduzisse praticamente a unica resposta racional que as ditas perguntas comportam.

Quanto a nós, no cumprimento da obrigação civica, temos o nosso juizo formado a tal respeito.

Em 1912 o nosso programa limitava-se a derrubar a Republica, restaurando a Monarquia anterior e partindo desta para vida nova mas sem reforma estrutural da Constituição.

Levados depois a reconhecer que essa planta daninha de 1910 foi apenas um rebento actual de antecedentes raizes «que de longe vinham», — chegamos á conclusão de que o programa de 1912 deve ser alargado.

A Bandeira de 1912 é sempre a mesma, amplamente Portuguesa, essencialmente unificadora, fundamentalmente Nacionalista. Simplesmente o Nacionalismo concretiza-se segundo os principios e as formas que logicamente derivam do conceito de Nação, considerada como conjunto orgânico com existencia persistente atravez dos tempos.

Pretendemos a Nação organziada, forte, pacífica e trabalhadora dentro das suas autonomias locais e corporativas. Dos Municípios, Regiões e Corporações (da Produção, da Intelignência e do Espírito), que consubstanciem de facto a vida da Nação, tal como ela se exerce em todas as esferas, sae a Representação Nacional, com o significado e e com a vitalidade das cousas sans, legítimas e verdadeiras. Por cima, o Estado Monarquico, simbolo e órgão da unidade, do equilibrio e da continuidade nacional, forte na sua autoridade de «Estado-Nação», cujas raizes dimanam directamente do Povo organizado, sem o intermedio de entidades parasitárias. De dentro das suas respectivas corporações, todos os operarios de todos os ramos de trabalho manual ou cerebral, poderão colaborar na grande Opra do patrio ressurgimento superiormente dirigida pelo Estado, federador e coordenador de todos os interesses, iniciativas e forças da Nação. Não ficam motivos para continuarem existindo sindicatos revolucionarios. Nem os dos operarios. Nem os dos politicos profissionaes. Todas as energias teem voz e cabimento, e ponto de util emprêgo,

dentro do esforço organizado da Nação, que quiere salvar-se pela paz, pela unidade e pelo trabalho.

\*  
\*   \*  
\*

Não são flôres, na verdade, nem na acepção rigorosa, nem no sentido literario, estas breves palavras políticas, escritas ao correr da inspiração do momento.

Mas evocando neste aniversario de hoje, com redobrada saudade, a memoria dos nossos mortos de 1911-12, figura-se ao nosso espirito que o espirito dêles — se acaso nos ouve, — por flôres receberá, todavia, êsses desvaliosos considerandos como prova que são, de que não esquecemos, nem abandonamos, a grande *Causa* a que êles tão nobre e valorosamente sacrificaram a sua juvenil existencia e prova ainda (fraca prova mas emfim a única que as circunstancias ao presente nos consentem) de que a nossa vida é dedicada a cumprir, conforme podemos, as ordens que nos impõe o alto exemplo que nos legaram :

«*Fidelidade á Patria. Mortos no seu posto*»

Madrid, julho 1924.

*H. de Paiva Couceiro.*

### A nossa comemoração do 24 de Julho de 1833

*Assim que o exercito miguelista abandonou Lisboa, viu se rebentar o apostema das cóleras e vinganças comprimidas e correu pelas ruas da cidade a babá podre dos maus instintos que se aclamavam vencedores com a vitoria da Liberdade, um delirio de sevícias, de roubos, de assassinatos — quâse um saque. Os frades eram apunhalados nas ruas e um desembargador foi levado de rastos puxado por um freio, com uma albarda nas costas, desde o Poço novo até o Correio, onde expirou. Tinham-se aberto de par em par as adeias, caindo sobre a cidade mais de cinco mil presos—toda a aristocracia do crime. Assaltavam-se casas, arrombavam-se portas a machado. Havia incendios, e fogueiras nas ruas, com as mobílias dos miguelistas lançadas pelas janelas. Pelo meio, soavam os clamores e vivas á Liberdade, que se identificavam com a soltura de todos os instintos e desejos.*

*OLIVEIRA MARTINS (Portugal Contemporâneo)*

## A RAÇA

E julgareis qual é mais excellente,  
Se ser do mundo Rei, se de tal gente.

CAMÕES — *Os Lusíadas*.

Anda ahi cantada, agora, em todos os tons, a nossa raça. A proposito de tudo e de nada, as lóas em louvor da raça despontam em todos os labios e atloram aos bicos de todas as pennas, desde as mais aparadas e mais finas ás mais rombas e mais canhestras. Chega, já, a ser impertinente e enfadonho este ramerrão continuo, em que a raça anda aos baldões, soffrendo desacatos de toda a ordem, principalmente os que lhe veem da ignorancia descompassada e atrevida.

Não ha duvida : a raça é excellente. Em seculos longinquos, resistiu ás legiões romanas, acostumadas a vencer. Depois, guiada pela cruz sacrosanta de Christo, arcou com os infieis. Sob o commando glorioso do primeiro Affonso, venceu em Ourique e entrou no caminho triumphal das conquistas. Viu a victoria no Salado, nos Atoleiros, em Aljubarrota. Foi á Africa e tomou Ceuta, Alcacer, Arzilla. Sulcou mares encapellados e descobriu ilhas desconhecidas. Abriu o caminho maritimo da India e operou lá grandes coisas. Descobriu o Brazil, expulsou da patria os hespanhoes intrusos, e, mais tarde, abateu as aguias altaneiras de Napoleão.

A raça, sob a direcção de grandes Reis e de grandes chefes, creou imperios, estabeleceu navegações, povoou colonias inhospitas, deu mais mundos ao mundo «e, se mais mundo houvera, lá chegara». Nas artes, nas sciencias, no commercio, na industria, a nossa raça foi grande e deu nobres exemplos de superioridade a outras raças. Na litteratura, produziu genios immortaes, vultos ingentes, cujos nomes, cercados de luz, ainda hoje e para sempre fulgem no livro d'oiro das nossas glorias.

Devemos ter orgulho de pertencer a uma raça de heroes, de santos e de martyres, que ainda hoje, nos tristes tempos que vão correndo, merecem o respeito e a veneração de todos os que teem o sagrado culto da tradição e do passado.

E' esta raça, que avassallou povos selvagens, que levou á Asia, á Africa e á America a civilização europeia, que atravessou e devassou continentes, e que, ainda não ha muito, cortou os ares em vôos de epopeia — é esta raça de gigantes que os republicanos, apenas com o fim mesquinho e estreito de lisongear o povo ingenuo — a eterna creança de todos os tempos —, ahi louvam e festejam hoje, por qualquer pretexto, e até sem motivo que justifique os louvores hypocritas e as festas, despidas de calor e de sincero entusiasmo.



O 9 de abril, que devia ser celebrado como data de tristeza e de luto, é solemni-  
zado com o estrondear brutal dos morteiros, por ser — diz se — o dia do *esforço da raça!*

O anniversario da morte de Camões é commemorado com o mesmo estrépito de  
morteiros incomodos, como sendo a *festa da raça!*

Até o emprestimo interno de 1923, que, poucos mezes depois de realizado, consti-  
tuiu uma das burlas mais repugnantes e mais sordidas da republica, teve o nome de *em-  
prestimo racico!* Nem mais nem menos: *racico* — palavra horrenda e extravagante, que  
se não encontra nos dictionarios da lingua.

Por tudo e para tudo, a raça anda sempre na baila, para que o povo, ludibriado, se  
convença de que é sentido, puro, sem refolhos, o amor que os actuaes dirigentes dedicam  
á raça, que tanto teem abastardado e corrompido.

Pois, bem . . .

\*

\*

\*

Vamos ver como a raça é respeitada e querida pelos que a incensam com falsas pa-  
lavras de fingida veneração, para a ferirem com actos de protervia e de cynismo. Alguns  
exemplos bastam.

Mal se implantou a republica, os seus coripheus decretaram, sem demora, a prohi-  
bição do uso, nas ruas, de habitos ecclesiasticos, aos sacerdotes da religião catholica,  
apostolica, romana, que, desde seculos, fôra a religião do Estado e era, como ainda hoje  
é, cada vez com mais fervor, a da grande maioria dos portuguezes. Proibição geral, sem  
excepções, sem restricção? Qual! . . . Proibição sómente para os nacionaes: os subdi-  
tos inglezes, como não são da raça, podem usar livremente os habitos talaes, e por ahi  
os ostentam, á vontade, com acatamento e respeito da população da capital.

Amor á raça . . .

Ha mezes, o governo anterior ao actual, reduziu os juros dos titulos externos de  
tres por cento, ouro, que eram pagos ao cambio do dia, a nacionaes e a estrangeiros, sem  
distincção, por virtude de um contracto, que devia ser respeitado. Reducção geral, sem ex-  
cepções, sem restricção? Quem pensa em tal? . . . Reducção sómente para os portugue-  
zes: os portadores estrangeiros d'esses titulos, como não são da raça, continuam a rece-  
ber os seus juros em ouro, ao cambio do dia.

Amor á raça . . .

Não ha ainda muitas semanas, o mesmo governo anterior ao actual, pela calada da  
noite, como quem commette um crime nefando, fez embarcar e remetteu para Londres  
grande parte da prata cunhada, que se achava em deposito nos cofres do Banco de Por-  
tugal. E o povo, commentando, com pesar e com azedume, o triste e doloroso acon-  
tecimento, dizia que aos portuguezes a republica deixava as notas pôdres e immundas,  
que por ahi andam em giro, ao passo que enviava aos estrangeiros, que não são da raça,  
as boas e valiosas moedas de prata, que nunca mais voltarão a circular entre nós.

Amor á raça . . .

Raça de Nun'Alvares, do Infante santo, de D. João II, de Camões ! Raça dos heroes das conquistas e dos descobrimentos ! Raça dos soldados valorosos das guerras da restauração, das guerras de Africa ! Raça lusa ! Raça dos nossos avós ! Como ahi andas conspurcada e ferida pelos que só te aproveitam e de ti se recordam para com a tua lembrança gloriosa enfeitarem os tropos estafados dos seus ôccos discursos e dos seus artigos sem valor !

Raça valente e ousada, que, outr'ora, partindo em frageis caravelas, d'este rincão do Occidente, «onde a terra se acaba, e o mar começa», levaste aos logares mais remotos, aos confins do mundo, a fama do nome portuguez ! Raça de cujos feitos foram testemunhas as pedras de Diu, as encostas do Bussaco, as regiões selvagens de Coellela e Maracuene ! Raça de Vasco da Gama, de Affonso d'Albuquerque, de Pedro Alvares Cabral — ó minha raça !

. . . Quando te erguerás do teu torpor e, revigorando as tuas energias adormentadas, expulsarás os vendilhões do templo da tua terra ? . . .

Quando ? . . .

*Antonio Cabral.*

**Torno a dizer, Senhores, são passados mais de vinte anos de experiencias infelizes, de tentativas malogradas e seria a maior de todas as vergonhas se nos envergonhassemos agora de confessar que errámos muitas vezes, e, que tanto mais errámos quanto mais tentámos dissimular o êrro. Não venha o funesto sofisma do mêdo do passado impedir-nos de voltar ao que havia de bom e de justo e de livre — que era muito — nas instituições dos nossos maiores.**

*Almeida Garrett, num discurso parlamentar.*

## ÉCOS

**Henrique de Paiva Couceiro**

Por especial deferencia da redacção do *Serviço de El-Rey*, que nos facultou as provas do artigo «8 de Julho», temos a honra de transcrever as belas palavras de fé e de pensamento que o commandante Paiva Couceiro enviou para aquela esplendida revista que se publica no Porto. Paiva Couceiro é uma figura que não necessita ser engradecida. Vale por si. — por toda a sua vida de combatividade cavalheiresca, pelo idealismo da sua acção, e pelo nacionalismo ardente que sempre o animou.

Amando a Patria acima de tudo, Paiva Couceiro é hoje, como afirma no seu artigo, um paladino, do nacionalismo português, que se concretiza, em força politica, dentro da Monarquia. E' notavel o que elle escreve sobre o conceito de nação, sobre representação nacional e ácerca do papel e função do Estado.

O parlamentarismo sai do seu artigo lucidamente criticado e os partidos são repellidos como bandos sem valor nacional que se apoderam do Estado, e o isolam da nação. Esse artigo notavel merece, portanto, que o arquivemos nas colunas desta revista. A admiração que temos pelo Commandante Paiva Couceiro, e o valor das suas afirmações de fé e de pensamento nacionalistas justificam a transcrição do magnifico artigo «8 de Julho».

**A Burguezia Liberal**

Este ano o *Diario de Noticias* lembrou-se de comemorar, dedicando quáse toda a primeira pagina, a data da entrada do exercito de D. Pedro em Lisboa. Na verdade não comprehendemos bem que motivo levou o velho diário dos anuncios pitorescos a manifestar um entusiasmo tão excessivo e trasbordante pela data liberal de 24 de Julho — dia em que Dom Pedro veio libertar Lisboa. Sem procurarmos saber a que motivos obedece essa comemoração do liberalismo e esse desdem ignorante com que se fala de Dom Miguel e da gente que o acompanhava, nós limitamo-nos simplesmente a lembrar que a victoria liberal não corresponde a nenhuma fase de civilização superior no nosso país. Com a victoria dos principios democraticos, a nação entrou numa época socialmente negativa, com o interesse nacional pôsto à margem, abandonado, sem um órgão superior que o difinisse e o defendesse. Já nos encontramos suficientemente longe dessa época para pudermos vê-la bem, numa perspectiva justa. Em nome da liberdade, — esse fetiche bárbaro — destruiu-se o velho e resistente

edifício politico e social, — que, sem duvida, necessitava de reformas, aliás estudadas pelos ministros de Dom Miguel. Mas o liberalismo foi uma epidemia ideologica, e as suas doutrinas ressequidas, estereis nunca poderiam renovar a nação porque não possuíam nada de nacional, de português. As reformas que o liberalismo empreendeu foram medidas abstratas, hostis á natureza politica e social do nosso país. Em obediencia à Liberdade, desfizeram-se as liberdades locais, rasgáram-se os oraes municipaes, destruiu-se a provincia. A fecundidade desses nucleos regionaes foi neutralizada, asfixiada, por uma centralisação depressôra, que reduziu toda a vida administrativa a um cáos. As classes trabalhadoras, tambem em nome da Liberdade, encontraram-se dum momento para o outro emancipadas, — isto é, desprotegidos, desintegradas da vida da nação, e expoliadas pelo Capital que se hiper-atrofiou congestivamente.

Os partidos apoderáram-se do Estado, domináram o Rei, transformaram o Chefe numa vaga sombra sem autoridade. Mas a burguezia capitalista, liberal e maçónica foi a unica vencedora. A volta da nação, formaram-se clientelas, e os interesses particulares encontráram no Estado, falho e amorfo, quem os defendesse criminosamente.

Esta situação anti-nacional tem tomado um maior relêvo, em que os seus defeitos adquirem toda a evidencia, nos momentos de crise, como tantos que surgiram durante o constitucionalismo e como o que agora atravessâmos. Então vêmos a ausencia de direcção, o esfacelamento total dos órgãos fecundos do Estado, a anarquia social o pânico financeiro, — e uma nação, rica de seiva, poderosa de energias espirituaes, sempre prejudicada, e às vezes fortemente ameaçada pelo Estado liberal. E tudo isto tem sido obra e consequencia duma data que o *Diario de Noticias*, jornal a que não reconhecemos capacidade para dirigir, festeja com alarido. Mas esse diário retintamente burguês, defende os seus interesses, defendendo o sistema politico — social que melhor os favorece. Na verdade, que se importa a burguezia com a miseria moral que se alasta por todo o país, e corroi os proprios fundamentos da familia, com a desorientação das classes trabalhadoras, — se ela puder fazer o seu negociosinho e amealhar o seu dinheiro? Que se importa a burguezia com a decadencia de civilização a que chegámos? Que se preocupa a gente utilitaria da burguezia que portugueses de hoje, conscientes e patriotas, desejem salvar a nossa Patria, renovar as suas energias e erguê-la àquella situação que merece pelo nosso passado — e pela esperanza que vive dentro de nós e nos guia?

## O Congresso Nacional Agrícola

Realisa-se em Braga o Congresso dos Sindicatos Agrícolas. Este facto não podia passar despercebido a quem, como nós, defende a maxima protecção e estímulo ás fontes productoras da riqueza nacional e afirma que todas elas naturalmente possuem o direito de fazer ouvir a sua voz perante o Estado. Este Congresso é uma afirmação eloquente de que a nação vive a reage, embora sem um nitido pensamento politico, contra a desorientação da democracia que desagrega todas as forças nacionaes. A democracia é uma mentira, um atentado contra toda a ideia de desenvolvimento e conservação social. Quando a sociedade reage, e dela se desentranha algum movimento de salvação, logo vemos ofuscar-se a ideia da democracia que se esfarela como um barro frágil deante do impeto vigoroso das energias nacionais em acção. Nós bem sabemos que talvez muitos dos lavradores que compõem os sindicatos agricolas, que agora realisam o seu congresso, se devem considerar liberaes, — republicanos ou monarquicos. . . Eles dirão, com certeza, que um movimento agrícola não afecta a constituição republicana, ou não contradiz essas doutrinas flácidas, oscilante, sem seiva social nem verdade, que arvoram o lêma retorico e vazio da Liberdade, Igualdade e Fraternidade. Mas, sem quererem, organisando-se em sindicatos, reunindo, em órgãos de defeza e protecção, as suas forças productoras, elles fazem obra de reacção, exumam do anonimato e da confusão democratica os naturaes alicerces da nacionalidade.

Para nós, nacionalistas, essa obra reveste uma enorme importancia porque representa o acordar da nação, a criação dum espirito reaccionário que ha-de formar o ambiente nacional em que o Estado, desamparado, desfazendo-se em velhice, ruirá perante o avanço duma vitalidade remocada. E' bom, na verdade, que a nação se renove por si propria, naturalmente, numa forte e bela expontaneidade, creando órgãos às suas necessidades, e suas instituições naturaes. Um vigoroso momento de renovação nacional, em que tudo o que ha de são e de português no nosso país tome consciencia de si proprio, há-de trazer a convicção duma imperiosa reforma do Estado — porque sem a reforma do Estado, objectivo ultimo, inutilizar-se-ia esse momento salvador. Mas não se pode afirmar que esse processo lento seja o unico para que o nosso país se possa libertar da tirania de partidos e facções e, emancipado da mentira da democracia, operar um salutar movimento de renovação. O Estado é o objectivo para onde se dirigem logicamente a reacção das energias nacionaes, — e é tambem a chave da obra futura da ressurreição e grandeza de Portugal.

Se pudermos restaurar cedo o Estado monarchico, essa obra será mais fácil e mais breve porque as provincias e os municipios readquirão as

suas liberdades locais, as classes encontrarão a defeza e protecção do seu trabalho productivo, a Inteligencia retomará o seu prestigio e o ambiente moral, saneado pela acção da Igreja, irá sarar as miserias que fazem do nosso tempo uma epoca grosseira de egoismo e individualismo atropelante. Mas esse momento glorioso em que se iniciará em Portugal uma nova ordem, uma civilização moderna, não chegou ainda. A nação deve agir com independencia e firmeza, organizando-se, operando, fazendo de encontro ao Estado uma pressão vigorosa. Quando a Monarquia chegar, ela representará simplesmente a necessidade duma nova ordem, duma ordem nacional, que o liberalismo, com os seus erros grosseiros, a sua incapacidade intrinseca, não pode organizar em quadros politicos. Essa necessidade já se faz sentir . . .

## A Causa Monarquica e «O Dia»

Do jornal constitucionalista *O Dia* recorriámos os seguintes períodos :

«A republica não precisa mais demolição. Mas não pode esperar-se que deixe o país em tal estado que a reconstrução seja impossivel . . .

De certo assim hão de pensar os que têm a responsabilidade de dirigir no Conselho Superior da Politica Monarquica, os destinos duma Causa que têm tido tantas dedicações e onde se não encontram desfalecimentos na fé dos que obscura e intrepidamente a servem. Toda a paralisação de actividade politica numa conjunctura como aquela que atravessamos, tel-a-hiamos como um erro maximo, que poderia produzir na restauração efeitos fatais.

Passaram-se meses, anos, de inverno para o verão e do verão para o inverno, assistindo-se devotadamente ás missas de sufragio, comemorando o aniversario festivos e lutosos, celebrando-se dentro das *Juventudes Monarquicas* — simpatica agremiação cuja acção sempre nos apraz registrar — conferencias que já não precisem convencer os ouvintes que são sempre os mesmos. Isto não basta !

A recente nota do Conselho Politico sobre as importantes resoluções que tomou, deu-nos a lisongeira impressão de que em plena actividade se entrou emfim ! Não pode haver *férias de verão* para esse Conselho, que teve já e muito prolongadas *férias de inverno*.

Supomol-o incapaz de anunciar só para entretenimento dos monarchicos mais impacientes, resoluções importantes que rialmente o não sejam e se limitassem a coisas de expediente ou de habitual protocolo.»

Tal e qual o nosso modo de ver !

Mas pena foi que, quando, ha seis meses, nos insurgimos contra a inércia e a chateza de que *O Dia* agora se queixa, o illustre director daquele jornal se tivesse colocado contra nós.

## A C Ç Ã O !

Quando outr'ora, em terras de França, por essa campanha de 1914, nas baterias inglesa sem que servimos, chegava a hora d'um *harassing fire*, soava, imperativo e formal, atravez do grande porta-voz do posto de comando, um brado energico ás guarnições :

— *Action! Action!*

— Acção! Acção!

Esta voz, que o silencio tragico d'algumas noites engrandecia e tornava mais impressionante, desperta no meu espirito e acorre vivamente á minha memoria, ao contemplar a perigosa indiferença a que se abandona a sociedade portuguesa, n'esta hora grave em os dementados e os audazes, devorados pelas peores ambições, continuam òvantes na sua tarefa destruidora.

E eu sinto que é tremendamente necessario, que um porta-voz gigante, soprado por uma voz estentórea, brada tambem a todos os homens bons de Portugal, a todos os que são honestos e amam ardentemente a terra em que nasceram :

— Acção! Acção!

Mas isto é apenas um brado, uma voz de comando para pôr em movimento as hostes dos luctadores. É preciso que previamente se saiba qual a especie de acção a executar.

— Deve ela ser uma acção esclarecida e séria, que tome bem conta dos factos sociais, que os estude e analise, que lhes verifique as causas, e indique os remedios para os combater quando revelem malevolencia e perigo. Não acção meramente demolidora, que aponte apenas os males, deixando-os de pé e partilhando por vezes doutrinas que encerram em si o mesmo virus de morte e destruição.

Actividade que demonstre as razões das ruinas e dos crimes, formulando as grandes linhas do caminho da reconstrução e do progresso verdadeiro. Não acção esfingica, enigmatica, indo sem se saber para onde, caminhando num sentido obscuro, ou antes, para aquelles que olham para o futuro, alumiados por experiencias anteriores, caminhando para os mesmos males.

A sociedade portuguesa padece do profundo envenenamento intelectual de mais de cem annos de doutrinação democratica e revolucionaria, de combate anarquico e ateu ás ideias tradicionaes da Ordem e da Religião.

É esta doença que é necessario combater e é por isso que devemos dedicar todas as forças á propracanda da disciplina e das doutrinas anti-revolucionarias.

E' preciso mostrar aos portugêses que os males actuaes *proveem da forma do regimen*, que sendo os governantes indicados pelos corrilhos politicos, o que em giria cons-

titucional se chama a indicação parlamentar, são os negocios da Nação entregues aos palavrosos, aos habilidosos, aos incompetentes e aos individuos sem escrupulos, que outra coisa não são aqueles que estão á frente das verdadeiras quadrilhas chamadas *partidos*. É ver os escandalos que todos os dias rebentam e em que estão sempre envolvidos os chefes de fila dos grupos partidarios, *os ministeriaveis*, que em verdade não entram para lá com outro fim que não seja o de *comer*, bem e depressa.

Ao contrario, em Monarquia verdadeira, sendo a escolha feita pelo Rei, este, que servindo o interesse nacional serve ao mesmo tempo o interesse proprio, pode e é levado a escolher os mais competentes para os assumptos que lhes vão ser entregues. Por sua vez os escolhidos não tem que agradar ás lojas partidarias, basta-lhes terem mostrado valor, competencia e merito, que os destingam e indiquem para as funções de governo.

É preciso mostrar que sendo as multidões irresponsaveis, essencialmente voluveis e demolidoras, pôr os governantes á disposição da Multidão-parlamento é cair nos ministerios-relampagos, o que constitue grave perigo para toda a obra administrativa que tem como requisitos essenciaes a estabilidade e a continuidade.

— Onde veremos nós em Republica sustentar um primeiro ministro pelo espaço de tempo d'um reinado?

É preciso mostrar que sendo uma assembleia incapaz de pôr n'um trabalho, meditação, estudo e calma, em poucas palavras, faltando-lhe as condições materialmente indispensaveis para produzir uma obra, as funções da Representação Nacional, devem ser reduzidas, limitando-se á deliberação em casos de guerra e tributação, e á consulta nos grandes casos que interessem as profissões representadas.

Ora nas suas linhas geraes, fazer esta propaganda constitue o fim da Acção Realista. Mas para que ela possa executar-se são necessarios muitos esforços por esse paiz alem, abundantes fundos para que ela se alargue sob multiplas fórmulas, penétre as inteligencias e conquiste os adeptos que lhe garantam a victoria e o dominio.

É para uma tal acção que conclamamos os portuguezes, é por ela que bradamos e combatemos. Acção Realista que faça a propaganda da verdadeira Monarquia, que conquiste para o Rei a possibilidade de exercer de facto as altas funções que lhe incumbem: governar e superintender na vida politica da Nação, sem o que a Realeza perde o seu prestigio e virtudes, para se transformar n'uma chancellia automatica, carregando por vezes d'uma maneira tragica com responsabilidades que lhe não pertencem.

É preciso que ante a gravidade da situação, os portuguezes abandonem o comodismo, o repouso ou a orgulhosa persistencia em exaltadas e injustas atitudes, e venham para o nosso lado, fazendo da Acção Realista uma milicia tão grande e forte como o foi o fascismo em Italia.

E' preciso que todos os portuguezes venham alistar-se, adextrar-se e combater sob a signa da Realeza verdadeira.

Acção! Acção! E para já, esta é palavra do momento, aquela a que é necessario dar mais prompta realidade.

*Luiz Costa.*

## UM DOCUMENTO

QUE

## DEVE SER LEMBRADO

Instruções que El-Rei Dom Miguel enviou aos portugueses, por intermédio do seu agente em Londres, Antonio Ribeiro Saraiva, durante os preparativos dum movimento restauracionista, em 1843.

*Documento interessantíssimo não apenas para a História mas para a filosofia política que rege as inteligências novas, é este que hoje publicamos. Cada parágrafo podia ter sido escrito para hoje por El-Rei o Senhor Dom Manuel porque encerra uma síntese de conceitos nacionais e de conceitos sociais verdadeiros em todos os tempos. Só a Monarquia orgânica, tradicionalista é verdadeiramente nacional. O que El-Rei Dom Miguel indicava e prometia aos portugueses há 81 anos, é o que El-Rei Dom Manuel pode e deve assegurar aos portugueses em 1924. A diferença estará apenas em que a onda de mentirás revolucionarias e desnacionalisadoras é hoje maior do que em 43, a decadência mais profunda, a anarquia mais geral. Mas naquele tempo, restaurada a legitimidade portuguesa, como se restaurou em 1847, veio a maçonaria estrangeira e impôs, à baioneta, a utopia democrática e assassina da Carta Constitucional. Hoje quando restaurarmos as verdades políticas de que D. Miguel foi simbolo, e tivermos assim reconquistado o equilíbrio da nação, a maçonaria internacional já não terá força para se impôr (como não teve em Italia e Espanha), e os liberais de agora em vão apelarão para uma intervenção estrangeira.*

*Confiemos pois na hora redentora que ha-de soar. E para que ela seja preparada com firmeza, oferecemos á meditação de todos os portugueses as patrióticas e inteligentes palavras de El-Rei Dom Miguel, palavras que teem hoje a mesma actualidade que em 1843.*

EM NOME E POR ORDEM DE EL-REI O SNR. D. MIGUEL 1.º

Sabendo Sua Magestade que um grande numero de pessoas de diferentes classes e opiniões em Portugal, ao crerem approximar-se as circumstancias oportunas para se effectuar alli uma Restauração Nacional, desejam com tudo conhecer as suas reaes Intenções a esse respeito. Quer que estas se lhes façam explicitamente constar, da melhor maneira possível na posição actual das cousas; manifestando-se o systema, o methodo, e os princípios por que firme e invariavelmente ha determinado proceder, e fazer se proceda, em tão hon-

## ACÇÃO REALISTA

rosa e patriótica empresa. Para este fim, tendo ha tempo já, constituido aqui, autorizado com es poderes competentes, o Centro de Direcção para regular-se o andamento dos negocios da mesma Restauração, acaba de Ordenar-me, por Instrucções e Resoluções de 15 e 27 de Maio passado, e referindo-se a outras precedentes de diversas datas, que em Seu Augusto Nome faça opportuna e discretamente conhecer no Reino varios pontos e bases que vou a designar ; para que todos os honrados Patriotas, todos os bons Portuguezes amantes da Independencia e verdadeira Liberdade Nacional, possam a isso conformar suas vistas, tendencias, esforços e procedimentos, de um modo convergente e uniforme, como essencialmente importa ao efficaz desempenho de tão nobre proposito.

Entende Sua Magestade :

I. — Que o unico meio de salvar se a Nação da sua total ruina, é o fazer-se que reverta á Unidade Social, o reunir de novo n'uma só familia e concorde Irmandade Politica todos os Portuguezes.

II. — Que a só base para bem se effectuar hoje tão desejavel resultado, é o restabelecimento da sabia e bella antiga Constituição Nacional, coeva da Monarchia, e com esta nascida, creada, desenvolvida, identificada ; repondo-se em seu completo vigor *de facto*, pois a Lei Constitutiva do Estado não prescreve, nem se alterou em Portugal pelas unicas formas legaes por onde só podia invalidar-se.

III. — Que semelhante restabelecimento não significa rejeitar-se o principio de melhoração e aperfeiçoamentos progressivos, na Administração, no Governo, nas Instituições, nas Leis, adequados ao adiantamento social da nossa idade ; mas que tudo prudentemente se faça pelo órgão, formas, e methodo regulares, isto á, pela devida intervenção da legitima Representação Nacional, segundo é da mesma Constituição, e sem o que taes alterações não podem bem e validamente fazer se.

IV. — Que o haver-se abusivamente deslizado, ha mais de um seculo, mas sobre tudo no actual, da sabia pratica e regras d'aquella verdadeira Constituição, deslocando-se dos órgãos legitimos e naturaes do Estado (as Côrtes, os Tribunaes, os Conselhos, as Corporações, as Magistraturas, &c.) suas apropriadas, competentes, e respectivas attribuições, para arbitrariamente as arrogarem a si Ministerios ou Individuos imprudentes, foi a fonte fecunda e principal de tanta confusão e desordem como se introduziu no Governo e Administração publica ; dando isso logar a mil abusos de autoridade, e estes aos sofrimentos do Povo, d'onde em fim se motivaram as revoluções.

V. — Que a Restauração Nacional deve, portanto, primeiro que tudo consistir n'uma completa restituição do exercicio de seus direitos, funcções, autoridade, e prerogativas constitucionaes a todos esses órgãos a quem se roubaram: reparando se assim os erros e enganos de 1820, em que isso deveu fazer-se, como se prometeu, e se não fez ; falta d'onde proveio a serie de civis desgraças que desde então têm acabrunhado o Reino, e o trouxeram a seu deploravel estado actual.

VI. — Que cumprirá, pois, emprender se brevemente um esforço nacional para tal restabelecimento se restituir ao Povo Portuguez e ao Monarcha Legitimo o livre exercicio de seus distinctos e respectivos Direitos, quaes a dita e excellente Constituição os estabelece, firma e sanciona ; garantidos 1.º nas Côrtes de Lamego, 2.º nos Assentos Constitutivos subsequentes dos Tres Estados do Reino, e Leis que lhes sam relativas, 3.º nas mui sabias e



venerandas antigas Instituições, Municipaes, Consultivas, Administrativas, Judiciaes, &c., como tudo esteve ainda em plena pratica e exercicio no reino do Snr. D. Pedro II.

VII. — Que a Bandeira da Restauração deve ser tambem a da Reconciliação Nacional e da cessação de partidos; não se consentindo mais perseguição ou animadversão qualquer por opiniões ou actos politicos passados.

VIII. — Que na condição deploravel a que os grandes desperdicios e malversações ham trazido a Fazenda Publica, só por um systema da mais exacta economia, e judiciousa parci-  
monia temporaria, poderá vencer-se a grande difficuldade da nossa posição em tal artigo, e vir a sahir-se gradualmente da profunda miseria actual; devendo, assim, a adopção de tal systema ser um das mais prominentes cuidados da Restauração, e havendo tão salutar exemplo de começar pelo proprio Paço de S. M.

Com a maior satisfação tenho a honra de fielmente expor estas mui sabias e patrioticas vistas de S. M. á consideração de todos os homens sensatos, confiando El Rei que não poderám deixar de ser applaudidas e secundadas por todo indivíduo que ainda nutra sentimentos verdadeiramente Portuguezes. Para mais firmeza do que deixo dito, concluirei annunciando, que tenho em meu poder Documentos authenticos e assinados da Real Mão de S. M., em que Declara com a maior decisão e nobre segurança, que observará, e fará observar, exactamente a descripta verdadeira Constituição Nacional, da qual será Elle proprio sempre a mais firme Columna e Garantia.

Londres, 24 de Junho, 1843.

*Antonio Ribeiro Saraiva.*

**Tendo-se esgotado o primeiro numero desta revista, rogamos aos nossos leitores o favor de nos remeterem os exemplares que não desejarem conservar, affim de podermos satisfazer alguns dos muitos pedidos de assinantes que desejam possuir a collecção completa da «Acção Realista.»**

## O PERIGO JUDEU

## II

A' propaganda judaica se deve o exito do Darwinismo, do Marxismo, do Nietzscheanismo e de outras doutrinas dissolventes que teem sido o fulcro de onde emana a desorientação caótica que por toda a parte se regista. E' evidente que á Imprensa cabe a maior responsabilidade desta desorganisação. A pag. 36 da trad. dos «Protocolos» lê-se: «O exito da verborrêa ininteligivel deve-se á Imprensa; mas os governos mostraram-se incapazes d'aproveitar esta força, que veiu cair nas nossas mãos. Por ela, adquirimos influencia, ficando ao mesmo tempo a dar as cartas, occultamente.»

Para os Judeus, que são inegavelmente, em regra, muito espertos, muito argutos e inteligentes e quanto mais apuradas teem estes predicados mais perigosos se tornam, todas as armas, todos os meios conveem para atingirem os seus fins. E' pois a Imprensa, nas suas mãos, como eles proprios confessam, uma força importante que lhes dá influencia, preponderancia e o ensejo de «dar as cartas occultamente.» Para isso utilizam certos muares, productos hibridos e estereis que jardinam, escoiceando a torto e a direito, na ancia estúpida de espinotear só para recrear o publico. . . Educados em alta escola estes muáres prestam-se a todas as habilidades, a todos os serviços que os domadores exigem ora pelo freio ou pelo chicote ora pela *ração*. . .

Na mesma pag. 36 da trad. dos «Protocolos» encontramos o motivo deste argumento : «graças á Imprensa juntamos montes de oiro, oiro que nos custou rios de sangue e de lagrimas porque custou o sacrificio de muitos dos nossos irmãos. Mas cada um dos nossos sacrificados vale um milhar de «govus» perante os olhos de Deus de Abrahão. . . «E' com esses montes de oiro que os judeus racionam as muáres ao seu serviço. Os mouros tinham os Asinus em muita consideração e eu proprio não julgo nem reputo justa a denominação de *burro* nem a intensão que o vocabulo tem. Por isso não vejo senão productos hibridos e estereis, verdadeiras negações da natureza, ao serviço de uma causa que vai de encontro e se choca com o interesse da Patria e com a Civilisação Cristã. Ainda, a pag. 34 da obra citada, encontramos a reforçar as nossas afirmações anteriores as proprias opiniões dos que vimos apontando como inimigos da nossa civilisação, da nossa Patria, das nossas crenças, do toda a vida dos Povos orientada pelas maximas sublimes de Deus-Homem, que do Alto da Cruz deu o Seu Sangue para redimir os pecadores. E a força dessa doutrina que Jesus Cristo trouxe ao mundo é tão grande, é tão cheia de sublimidade divina que nas transformações que em XIX seculos teem sofrido as normas de vida e a orientação dos povos, ao fim de tantos seculos ainda ela se impõe, nova, actualisada, adaptavel, servindo de guia da civilisação, iluminando os horisontes e incutindo nas almas os sentimentos justos e nobres que bem se resumem em «amar a Deus sobre todas as coisas e ao proximo como a nós mesmos. . . » Na senha dos ataques que a toda a hora movem os Judeus contra os que eles chamam os *Goyus*, á Imprensa cabe pois uma pesada responsabilidade. A pag. 34, conforme dizia, afirmam eles aos seus

neófitos que «devem ser escolhidas na massa do publico, creaturas cuja incompetencia profissional corra parellhas com o seu exagerado servilismo. Tornar-se-hão, d'esta forma, verdadeiras pedras num taboleiro de xadrez mexidas pelos nossos experimentados sabios e conselheiros... Os cristãos não se guiáram pela pratica nem pela observação imparcial da Historia... Até que chegue a hora propicia deixemol-os divertirem-se... ; deixemol-os acreditar na importancia d'aquilo que nós lhe impingimos como leis de Sciencia. Com esta intenção, inoculada com a ajuda da nossa Imprensa, consegue se aumentar a sua fé cega nessas leis... «Não são apenas os escribas, serventuarios submissos dos Judeus, os encarregados do desempenho d'esta e de outras missões... A infiltração judaica nos nossos meios cristãos dá se subtilmente, habilmente. Na chamada sociedade elegante, principalmente, os judeus não perdem ensejo de se introduzirem. Suportam os desdons dos cristãos, mesmo as suas ironias e as suas impertinencias e vão se pondo à vontade, conquistando terreno, tornando-se *íntimos e indispensaveis* nos «sports» e em toda a especie de divertimentos e futilidades que desvanecem esses grupos, onde a intelligencia, o são criterio, a moralidade e o decôro andam adulterados ou desconhecidos. Com os seus *montes de ouro* e com a intelligencia que em geral possuem, os Judeus realisam sem grande custo a sua objectiva... Andam com má fé ou com estupidez inata aqueles que dizem que pretendemos negar a intelligencia dos Judeus, quando apenas temos salientado o perigo que advém para a civilisação cristã sujeitar-se ou submeter-se ao despotismo e á supremacia hebraica cujo fim unico, desde o drama de Golgota e da expansão do Cristianismo, tem sido suplantar, aniquilar e varrer da superficie da terra o espirito e as reminiscencias da Doutrina Cristã para sobre as ruinas reerguerem o *reino de Israel*. A pag. 115 da trad. dos «Protocolos»: «*havemos de destruir os altares de todas as crenças*. Embora esta medida tenha o inconveniente immediato de fazer ateus, não prejudica o serviço de forma alguma...» A pag. 113 da obra cit. «O povo ir-se-ha desabituaando de pensar de per si e seguir-nos-ha automaticamente, por sermos os unicos a propor ideias novas — **por intermedio de agentes com quem nos consideram incapazes de estar em contacto**. «Para verificar como os Judeus *minam* todos os campos, e como se servem de todos os ensejos, mesmo dos mais incriveis, para triunfarem, leia-se o que a pag. 122 dizem os «Protocolos»: «temos de intensificar a fundação de Lojas Maçonicas em todas as nações e por qualquer motivo: tem esta medida a vantagem de trazer para o nosso campo todos os que tenham algum prestigio aos olhos do publico, transformando assim as Lojas em outras tantas repartições de informações» e pag. 123: «Uma vez centralisadas e dirigidas por uma especie de Comissão Central fiscalisada *pela nossa gente*... só os verdadeiros dirigentes teem direito a escolher o pessoal e redigir a ordem de combate. Logo a seguir, pag. 124, vê-se: — «a maior parte das pessoas que entram ao nosso serviço é composta de aventureiros sem escrupulo... com os quais não é difficil chegar a um acordo perfeito... A difficuldade é saber-lhes falar conforme a camada social a que pertencem...»

Esta ordem de combate é sem duvida intelligente e logicamente organizada e por isso mesmo convém pô-la a claro, divulgal a e *prevenir os incautos* para que não se

deixem ir atraz dos cantos das sereias e vejam o *jogo* sem dificuldades. O combate contra o Judaísmo vai-se tornando cada dia mais difficil. A revolução russa foi pacientemente preparada e dirigida pelos Judeus São eles que ainda se encontram á frente da republica dos Soviets e que espalham com *os seus montes de ouro* essa propaganda dissolvente que desorienta o mundo. Na França o perigo Judeu é talvez onde mais fortemente se verifica. Quando eu vivia em Paris, via sempre á sahida dos templos e das reuniões os cêlebres *Camelots du Roi*, rapazes e velhos de todas as categorias sociais apregoando «L'Action Française, Organe royaliste et anti-juif». E esse combate dos valentes monarchicos francêses contra a Judiaria vai se intensificando dia a dia. Até agora venceram os da «Action Française» com a sua politica da guerra. Mas os derrotistas e os transigentes são os *tals* muares, reles, renegados, que preparam o triunfo dos inimigos, que já foram bem os autores da crise que presentemente atribula a França, que derrubaram Millerand e ergueram Doumergue e apoiam os Caillaux, Malvys e algum Bolo que ainda turja. . . . Entre nós a acção israelita não tem assumido este perigo tão acentuado. Mas pelos factos que tenho vindo apontando, pela infiltração d'elles no nosso exercito, nas nossas escolas, na nossa vida de todos os dias, bom é andar àlerta e de sobreaviso. Eles imiscuem-se em todas as camadas. Disfarçam-se. Afivelam todas as máscaras. A *amisade* é o disfarce que mais usam. Lembremo-nos de que Judas era Judeu e deixemos as muares, híbridos e estereis, espinotear e equilibrar-se conforme os seus senhores lhe mandam pelo freio ou pela gamela. . . . Desviemo-nos dos coices e para isso basta termos a consciencia dos perigos e a certeza em nós mesmos. . . .

*Visconde de Porto da Cruz*

## EXPEDIENTE

**Iniciarêmos em breve a cobrança das assignaturas. Fazemos notar a todos os nossos amigos que a cobrança pelo correio representa uma despesa que pode ser evitada com facilidade se nos fôr enviada espontaneamente, a importancia das assignaturas en vale do correio, cheque ou carta registada**

# A "Acção Realista" e a imprensa

O semanário *O Realista*, que se publica em Arcos de Veldevez, sob a direcção do Ex.<sup>mo</sup> Sr. dr. Alberto Barreiros, publicou o seguinte artigo que é mais uma prova de como o nosso movimento tem encontrado por todo o país um grande e significativo interesse.

## Preparação e acção

Primoroso, pela beleza da forma e pela profundidade dos conceitos, o artigo que sob a epigrafe «As Juventudes», acaba de publicar o dr. Caetano Beirão na ultimo numero da «Acção Realista», excelente revista lisbonense

Perfeitamente integrados no seu modo de pensar, fazemos nossas as tão eloquentes como desassombradas afirmações do illustre escritor, tendentes á intensificação da propaganda dos principios que servem a Causa d'El-Rei e que, sendo a legitima expressão da verdade politica, constituem, no momento presente, a unica garantia de salvação nacional.

Não julgando azado o momento para manifestarmos as nossas preferencias no campo dos principios monarchicos, folgamos de ouvir erguer-se, na arena do combate, uma voz autorizada e eloquente a despertar a grande massa monarchica da letargia que enerva e mata, para uma acção energica que avigora e salva.

Esta acção tem que moldar-se, evidentemente nos seus principios de filosofia politica que forma o consciente das modernas *élites* intellectuaes, cada vez mais divorciadas do doutrinarismo arcaico, prestes a succumbir, para sempre, no sarcophago das suas victimas.

Esses principios são, pois, a base de toda a acção monarchica.

E porque a Causa Monarchica é um campo aberto a todas as modalidades doutrinaarias — que tenham por lema a justiça e o bem da comunidade social —, não nos preocupa a discrepância de principios, nem a divergencia de processos que adentro d'ela se manifestam, n'um alto interesse de salvação patriótica. O que é imprescindível é que todos os monarchicos se convençam da necessidade urgente de, mantendo tanto quanto possivel a sua unidade politica, se organisarem e agirem.

«A função da Causa Monarchica tem que ser, acima de tudo, de *preparação e de acção*».

Concordamos plenamente com a afirmação do brilhante escritor.

A organização, despertando a homogeneidade indispensavel á defesa dos principios e a coesão necessaria para a criação e desenvolvimento das ideias é a condição essencial do triunfo d'uma Causa. Sem ella, não pode avançar-se um só passo, no agro caminho das mais justas reivindicações politicas.

Pretender agir sem preparação, é querer construir sobre areia um edificio que o mais leve sopro de vento faz baquear com estrondo. Essa organização implica o conhecimento e o culto dos principios que melhor se coadunam com as tradições historicas e com as aspirações da grei.

A organização significa a disposição inteligente e metódica dos varios membros da colectividade no vasto campo da accção social ou politica.

Para essa organização ser perfeita é, porém, indispensavel que os seus componentes tenham a noção exacta dos direitos e deveres que lhes assistem nos diferentes graus da hierarquia social. E' facil qualquer dizer-se monarchico; é, porem, mais difficil sel-o, no sentido integral da palavra.

Ha muita gente que alardeia com orgulho o seu ardente monarchismo simplesmente por snobismo, por atrvismo ou por uma sentimentalidade muito vaga, sem a rigorosa compreensão das suas responsabilidades.

Pois á Causa Monarchica compete preparar, por uma acção inteligente e criteriosa, a consciencia politica dos seus adeptos.

A ausencia d'uma completa mentalidade monarchica, não pouco contribuiu para a decadencia do constitucionalismo liberal e está sendo, agora, o principal estorvo à obra urgente da Restauração.

Impõe-se, portanto, uma grandiosa tarefa de realisacção imediata: *preparação e acção*.

Até agora, — forçoso é dizel-o — tem-se dispendido preciosas energias no combate á Republica. E' uma acção negativa de resultados assaz problematicos.

De resto, o mais serio ataque á Republica é a sua obra.

O periodo que decorre, — não nos cançamos de repetil-o — é de construção. No dia em que, devidamente organisados, manifestarmos, pela coesão doutrinaaria e pela unidade de acção, a grande força que hora se encontra dispersa, bastará um golpe de audacia para fazer baquear o regimen. Só então sentiremos o prazer de ver drapejar, novamente aos ventos da nossa Patria, o balsão da VICTORIA.

\*

A *Epoca* publicou no seu n.º de 29 de Julho a seguinte local que aprovando a nossa doutrina, muito nos desvanece :

**Afirmações claras**

São dignas de aplauso pela boa doutrina claramente exposta as seguintes afirmações de princípios feitas pelo sr. Caetano Beirão na *Acção Realista* :

«A Acção Realista Portuguesa quer a Nação Católica, isto é, a sociedade acatando a soberania espiritual de Roma por intermédio do próprio Estado. Quer a Igreja exercendo a sua acção na mais ampla liberdade de propaganda, disciplina e organização. Quer a Monarquia celebrando um acordo com a Santa Sé, para as relações eclesásticas, manutenção do clero e dos seminários. Quer que a Igreja seja reconhecida a sua personalidade jurídica, restituindo-se-lhe, na medida do possível, os bens que lhe foram extorquidos; e que seja assegurada a «sua representação nos corpos do Estado dando-se-lhe a categoria de primeira instituição moral dentro da sociedade, onde é o maior fundamento da paz e da ordem». (*Cartilha Monárquica*) Quer finalmente, que se lhe dê liberdade de associação religiosa para fins de piedade, beneficência e ensino.

Fazendo nossas as palavras do sr. conselheiro Fernando de Sousa, proferidas no final da sua bela conferência das «Juventudes», de 20 de maio de 923, que todos os monárquicos aplaudiram freneticamente para um ano depois decretarem o contrario, diremos :

«Na Monarquia restaurada, a Igreja terá a situação que de direito lhe pertence e as liberdades inerentes à sua missão espiritual, o que não impedirá a tolerância para com os dissidentes, que não serão vexados e perseguidos, como o tem sido o clero e os católicos sob a Republica sectaria, órgão politico do naturalismo neo-pagão e anti-religioso que a Maçonaria impoz à Nação.»

*Nos liberi sumus — disseram os bons portuguezes em Lamego, quando entregavam a corôa a D. Afonso, legando nos ao mesmo tempo o direito de o repetirmos, sempre que a ocasião o exigisse. Usando de esse direito, não se mostraram menos energicos, nem menos zelosos da sua liberdade, os portuguezes de 1385 e os de 1641.*

*Nem era necessario. façâmos Justiça aos nossos reis legitimos, que o povo lhes lembrasse os direitos que tinha, eram elles que se apresentavam, reconhecendo-lh'os em todas as ocasiões solenes.*

*Jorge Eugenio de Lócio, (1819).*

E para terminar afirmamos :

Se o maçonismo mitigado que espreita através das Bases da Acção Política do Conselho Monárquico conseguisse restaurar a Carta Constitucional de tão triste memoria. Beneplácito. intromissão do poder civil na hierarquia eclesiastica, caciquismo por meio de clero, etc., a Acção Realista Portuguesa solitaria imediatamente o seu grito de combate pelo direitos de Deus, pela liberdade da Igreja, pela tradicional consciencia católica da nossa raça que cem anos de perseguições e vexames não fizeram senão reavivar »

E' preciso fazer propaganda insistente e sem esmorecimentos dos seus princípios politicos.

A *Acção Realista* agradecemos a transcrição do artigo que no *Jornal da Madeira* publicou o nosso director.

\*

A *Realeza*, de Vila Real, occupou-se da prisão do nosso companheiro Laertes de Figueiredo, secretario da Junta Municipal de Lisboa da *Acção Realista Portuguesa*, afirmando o seu protesto contra essa violencia. Agradecemos as suas corajosas palavras de camaradagem.

\*

O *Serviço de El-Rey* dedica ao aparecimento da nossa revista a local abaixo transcrita, que muito agradecemos.

**«Acção Realista»**

Congratulamo nos pelo apparecimento do 1.º numero d'este interessante quinzenario, de que é redactor principal o illustre escritor, sr. dr. Ernesto Gonçalves e editor o nosso bom amigo sr. Antonio Ferreira Junior, dedicado e valoroso combatente desde 1911.

Aos seus camaradas da *Acção Realista* endereça o *Serviço d'El-Rey*, com o maior sentimento de gratidão pelas suas palavras, os mais sinceros votos de prosperidades e triumpho.

# A NOSSA SUBSCRIÇÃO

PARA

# O Jornal da Acção Realista

aberta por esta revista

José Antonio da Fonseca.....	Transporte.....	1.573\$50
Anónimo.....		10\$00
Um integralista.....		5\$00
A. J. C.....		3\$00
Um grupo de portuenses.....		1\$00
Subscrição aberta entre estudantes.....		40\$00
Um assinante.....		129\$50
F. S. J.....		10\$00
Manuel Teixeira.....		1\$00
Mario Rodrigues.....		1\$00
C. B.....		1\$00
Um ferro viário.....		5\$00
H. J. M. (Coimbra).....		1\$00
		15\$00
	A Transportar.....	1.796\$00

Um jornal diário, porta-voz das nossas doutrinas, da nossa fé, do nosso ardor combativo, é coisa indispensável e urgente para que o nosso movimento alastre, gane força e se torne o fulcro da reacção nacional, como é mister.

Temos caminhado bastante, mas pouco ainda para o que há a fazer. Esta revista que de número para número tem aumentado a sua tiragem para satisfazer todos os pedidos que de toda a parte vêm, não é órgão de expansão suficiente para cumprir a nossa missão.

Urge, pois, que o diário apareça, mas em condições tais que a sua vida não seja precária e tenhamos assegurado o dia de amanhã. A Comissão Financeira da A. R. P. tem já em seu poder cerca de 40 CONTOS para o nosso diário. Não basta.

Que todos os nossos estimados leitores, que todos os nossos amigos abram subscrições, angariem donativos e concorram na medida das suas posses para a subscrição aberta por esta revista para o jornal da «Acção Realista Portuguesa».

A nossa subscrição fica hoje em Esc. 1.796\$00. É alguma coisa, é animador; mas precisamos muito mais. A Comissão Financeira trabalha por seu lado. Trabalhemos nós pelo nosso. Auxiliemo-la com a nossa subscrição para que mais rapidamente se obtenha o que pretendemos.

Monarquicos!

Acordai do vosso letargo! Ajudai aqueles que querem restaurar a verdadeira Monarquia!

**Propaganda!**

**Propaganda!**

# BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

BANCO EMISSOR DAS COLONIAS

Séde em Lisboa: R. do Comercio — Agencia em Lisboa: Caes do Sodré

Capital social Esc.: 48.000.000\$00 — Capital realizado Esc.: 24.000.000\$00  
Reservas Esc.: 34.000.000\$00

**Filiaes no Continente** — Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Evora, Estremoz, Faro, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Olhão, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto, Regoa, Santarem, Setubal, Silves, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real de Traz-os-Montes e Vizeu.

**Filiaes nas Ilhas** — Funchal, (Madeira), Angra do Heroismo e Ponta Delgada (Açores).

**Filiaes nas Colonias** — (AFRICA OCIDENTAL) S. Vicente de Cabo Verde, S. Tiago de Cabo Verde, Bissau, Bolama, Kinshassa, (Congo Belga), S. Tomé, Príncipe, Cabinda, Loanda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Vila Silva Porto, Mossamedes, Lubango.

(AFRICA ORIENTAL), Beira, Lourenço Marques, Inhambane, Chinde, Tete, Quelimane, Moçambique e Ibo

(INDIA), Nova Gôa, Mormugão, Bombaim (India Inglesa).

(CHINA), Macau. — (TIMOR), Dilly.

**Filiaes no Brazil** — Rio de Janeiro, S. Paulo, Pernambuco, Pará e Manaus.

**Filiaes na Europa** — (LONDRES) — 9 Bishopsgate E. Paris, 8 Rue du Helder.

**Agencia nos Estados-Unidos** — New-York, 93 Liberty Street.

Operações bancarias de toda a especie no Continente, Ilhas adjacentes, Colonias, Brasil e restantes paizes estrangeiros.

## MARQUES, PEREIRA & C.<sup>A</sup>

### BANQUEIROS

Depositos á ordem e a prazo

Todas as operações bancarias

Rua do Ouro, 61

Rua da Conceição, 116-118

LISBOA

TELEgrama PERMARCO  
telefone C. 1493

## EMPRESA DE CARRUAGENS

DE

### Manuel Campos

100, R. da Arrabida, 102

Tel. Norte 1341

Coupés, mylords e landeaux.

Tudo o que ha de mais luxo.

Magnificas parelhas e cocheiros

bem fardados.

Carruagens para casamentos e baptisados

LUXO E BOM GOSTO

QUEREIS DINHEIRO?

JOGAE NO

# Lama

R. do Amparo, 51

LISBOA

Telefone N. 4020